

7/6/1989

Greve dos cortadores de cana divide movimento e pára algumas cidades

por Nelson Carrer Júnior

de Ribeirão Preto

Os cortadores de cana da região de Ribeirão Preto entraram em seu segundo dia de greve ontem. A paralisação, contudo, não atingiu os municípios de forma homogênea. Em algumas cidades, os trabalhadores aceitaram a negociação proposta pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp), fechada na última sexta-feira. Em outras, os trabalhadores optaram por aderir às reivindicações da Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP).

O acordo fechado entre a Fetaesp e os usineiros prevê o pagamento de NCz\$ 358,00 ao trabalhador que cortar 8 toneladas de cana por mês e NCz\$ 519,00 por mês para o corte de 12 toneladas. A reivindicação da FERAESP é de um piso salarial de NCz\$ 290,00, diária de NCz\$ 9,67 e mudança na forma de pagamento, de tonelada para metro, em que o trabalhador receberia NCz\$ 8,40 por metro no primeiro corte, com este valor decrescendo nos cortes seguintes.

Entre os trabalhadores que resolveram aceitar a proposta da Fetaesp estão os de Ribeirão Preto, onde o Sindicato dos Trabalhadores Rurais informou não ter havido adesão à greve. Na cidade vizinha de Sertãozinho, somente cerca de quinhentos trabalhadores, de um total de 17 mil, aderiram à greve, se formou o sindicato daquela cidade a este jornal.

No município de Pontal, a adesão foi quase maciça. Segundo o Sindicato Trabalhadores Rurais de Pontal, somente cem cortadores de cana compareceram às usinas para trabalhar, ficando a maioria dos 8 mil trabalhadores em greve. No município de Serrana, a adesão foi total, informou o sindicato local, onde os cerca de 4 mil trabalhadores não embarcaram nos caminhões em direção às usinas. Em Barrinha, cerca de 6 mil dos 9 mil trabalhadores pararam.

A região de Ribeirão Preto possui 27 usinas e 19 destilarias, que empregam cerca de 60 mil cortadores de cana. Segundo informou Fernando Brizola, assessor de imprensa de 24 usinas na região, a paralisação ontem foi de apenas 3,3 mil trabalhadores, aproximadamente. Brizola diz que a adesão diminuiu, pois, na segunda-feira, primeiro dia de greve, cerca de 10 mil trabalhadores dessas 24 usinas haviam parado, segundo ele. Quanto aos usineiros, Brizola informa que não negociarão com a FERAESP, podendo somente vir a sentar na mesa caso as reivindicações sejam feitas por meio de um órgão oficial. O acordo com a Fetaesp foi homologado pela Delegacia Regional do Trabalho, em São Paulo.

(Página 7)